

O homem livre

No âmbito da autoridade surgem, muitas vezes, conflitos com a liberdade de cada um. Pensemos não mais na rebeldia de nossos filhos adolescentes.

O que acontece é que a autoridade freqüentemente limita a liberdade pessoal. E tem que fazê-lo, quando estão em jogo interesses prioritários.

A liberdade individual não pode existir sem limitações, dentro de uma comunidade como a família, os movimentos, a Igreja, a sociedade.

E então é importante a educação da nossa liberdade. Tem que ser uma liberdade condicionada, uma liberdade subordinada a valores e interesses superiores.

Somos um poço de preconceitos. O egoísmo, o medo, os costumes, a sociedade nos fazem preferir de antemão condutas que são mais cômodas, mais seguras, mais aceitas. Muitas vezes tomamos decisões que cremos ser opção pessoal nossa. Mas em realidade nos tem sido ditadas e impostas dissimuladamente por todo tipo de influencias que determinam nosso caminho. Para que uma decisão seja realmente pessoal, tem que ser totalmente livre. E essa liberdade de preconceitos e temores só O Espírito a pode dar. Se em nossa vida pessoal são difíceis as decisões, mais ainda o são na vida social. Aí se necessita, mais que em nenhuma outra ocasião, a visão do Espírito e a valentia que inspira seu poder.

Uma definição popular de homem livre diz que é o homem *“que sabe o que quer, quer o que sabe, faz o que quer e ama o que faz”*. Por isso, quisera ver com vocês um momento, esses grandes passos da educação da liberdade.

1. Saber o que quero. Primeiro, se trata de aclarar e definir meus valores mais pessoais. É como elaborar minha escala pessoal de valores, minhas prioridades de vida.

Logo, se trata também de formular minhas metas pessoais, de saber o que quero na vida. Nesta sociedade massificada, muitas vezes minhas metas são ditadas pelo meu entorno; não vivo minha vida própria e original. Tenho que me tornar independente da opinião alheia, desprender-me das pressões sociais, da moda, das influencias da propaganda e das mil formas como posso ser influenciado pelo meio que me cerca.

Tenho que me animar a concretizar objetivos pessoais, metas a curto e em longo prazo.

E, por suposto, revisar e avaliar periodicamente meus valores e metas.

2. Querer o que sei. O segundo passo, depois de saber o que realmente quero, é chegar a querer o que sei. Estamos falando do que quero realmente, para o que estou feito, não do que os caprichos pessoais buscam. Este passo é decisivo para a coesão interior da personalidade. Não só se trata de saber, se não de querer. Tenho que afirmar meus desejos e metas de vida com minha vontade e com o coração. Isso me permite ser coerente comigo mesmo.

3. Fazer o que quero. O sentido é que faça o que realmente quero fazer não o que meu eu primitivo me impulsiona a fazer. Muitas vezes usamos o conceito “fazer o que quero”, não no sentido da verdadeira liberdade, se não no equivocado caminho que empurra para o egoísmo ou o capricho pessoal. Porém aqui se trata de discernir e fazer as coisas em base a valores pessoais. Trata-se de fazer o que creio que é o melhor para mim e para os demais. E isso me faz verdadeiramente livre.

4. Amar o que faço. O homem livre que sabe o que quer, quer o que sabe e faz o que realmente quer, está em condições de amar o que faz. Quando não se dão essas condições, muitas vezes se chega a odiar ou desprezar o que se faz. Por outro lado é muito humano não fazer o que se quer, se não o que não quer. É a experiência de São Paulo: *“Eu não faço o bem que quero, se não o mal que não quero”* (Rom 7,19).

Somos seres limitados. Porém, a pesar disso, temos que nos esforçar em crescer para a verdadeira liberdade.

Perguntas para a reflexão

1. Considero-me uma pessoa livre?
2. Tenho claros meus valores e metas?
3. Gosto do meu trabalho atualizo-me em minha profissão?

Se deseja subscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho, escreva para: pn.reflexiones@gmail.com